

**FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO**  
**ESCOLA DE GOVERNO PROFESSOR PAULO NEVES DE CARVALHO**  
**NÚCLEO DE REFERÊNCIA DA MEMÓRIA DO PROFESSOR PAULO NEVES DE**  
**CARVALHO**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

ANASTASIA, Antônio Augusto Junho / NR-PNC, 2014. 8 p.

**ANASTASIA, ANTÔNIO AUGUSTO JUNHO**  
**(depoimento, 2014)**

**Belo Horizonte**

**2014**

***Ficha Técnica***

**Tipo de entrevista:** História Temática

**Entrevistador:** Evaristo Caixeta Pimenta

**Demais presentes:** Profa. Luciana Moraes Raso Sardinha Pinto e Profa. Ana Luiza Gomes de Araújo

**Transcrição, conferência e copidesque:** Evaristo Caixeta Pimenta

**Local:** Diretório Estadual do PSDB MG. Belo Horizonte - MG - Brasil

**Data:** 03/12/2014

**Duração:** 35 minutos

**Páginas:** 8

Entrevista realizada no contexto do processo de implantação do Núcleo de Referência da Memória do Professor Paulo Neves de Carvalho.

**Legenda:**

**ECP** – EVARISTO CAIXETA PIMENTA (entrevistador)

**AAA** – ANTÔNIO AUGUSTO ANASTASIA

**ECP** – Professor Anastasia, narre as circunstâncias em que o senhor teve o seu primeiro contato com o Professor Paulo Neves de Carvalho.

**AAA** – Meu primeiro contato com o Paulo Neves se deu quando eu era aluno da graduação da Faculdade de Direito da UFMG, e, aluno do Professor Vicente de Paula Mendes, fizemos um trabalho em grupo. Esse trabalho foi muito bem aceito pelo Professor Vicente, que resolveu que ele também seria apresentado aos alunos da pós-graduação. A pós-graduação era então comandada pelo Professor Paulo Neves. O Professor Vicente era o seu grande pupilo. Essa foi a primeira oportunidade que tive de estar com ele. Isso deve ter acontecido no ano de 1981, salvo engano. Ali o conheci e, claro, ele não me conhecia. Eu já tinha grande admiração pelo trabalho dele, já gostava do Direito Administrativo. Dois anos depois, em 1983, fui aluno de Paulo Neves em uma disciplina optativa do curso de graduação: Direito Administrativo III. Aí me aproximei muito dele porque, além de gostar do Direito Administrativo, já queria fazer um mestrado nessa área. Foi ali que comecei a ter um relacionamento mais próximo com o Professor Paulo Neves.

**ECP** – Quais foram as suas primeiras impressões em relação à figura do Professor Paulo Neves?

**AAA** – Uma impressão paternal. Era como se o Professor Paulo Neves fosse um grande pai, uma pessoa de uma sabedoria extraordinária, muito experiente, muito bondoso, muito gentil, acolhedor. Ele tinha por objetivo estimular as pessoas para que estudassem, pesquisassem, indagassem, não se conformassem com verdades postas. Era uma pessoa extremamente correta. Ele pôde me transmitir, sob o ponto de vista do caráter, um sentimento muito bom. Era muito bom conviver com ele e, ainda que existisse uma diferença de idade muito grande entre nós – talvez de quarenta anos, havia uma identidade de princípios muito forte, não só comigo, mas com toda uma grande geração. Ele teve uma influência muito importante sob o ponto de vista comportamental, pelo seu exemplo. Então a primeira impressão que ficou foi a de uma pessoa acolhedora, bondosa, muito inteligente, de uma capacidade mental extraordinária, muito acima da média. Ele tinha, além disso, a humildade de querer estimular as pessoas a estudarem.

**ECP** – Comente o estilo de lecionar do Professor Paulo Neves de Carvalho.

**AAA** – O mais didático possível. O Professor Paulo Neves transformava as coisas complicadas em coisas simples. Tanto que vários dos seus ex-alunos, que hoje são professores, seguem a sua metodologia da dar muitos exemplos concretos, de mencionar muitos casos reais, de usar muitos exemplos gráficos no quadro negro e muita literatura comentada. O Professor possuía um grau didático extraordinário, pois falava por muito tempo e ninguém se cansava. E ele falava muito. Ele gostava muito de falar e não se cansava, a despeito da idade. Eu já o conheci bem maduro, mas ele não se cansava, falava até à exaustão. Era impressionante. Paulo Neves não tinha preguiça ou má vontade em relação a nada. Ao longo de anos e anos, nas aulas, quando algum aluno pedia algo, ele parava, atendia e recomeçava. Quando chegava um Prefeito, ele parava,

atendia e voltava. Ele adentrava as noites trabalhando, inclusive com prejuízo da própria saúde e até da convivência familiar. Nunca vi em mais ninguém, este esforço, esta doação, essa dedicação extraordinária. Ele era, de fato, uma pessoa extraordinária sob o ponto de vista da sua entrega ao Direito Administrativo, ao serviço público e à formação dessa Escola Mineira de Direito Administrativo. Ele era extremamente didático. Não havia um aluno que não compreendesse a sua aula.

**ECP** – Uma marca muito significativa da pedagogia do Professor Paulo Neves era o seu hábito de levar os alunos aos municípios mineiros, com o objetivo de apresentá-los o lado prático da Administração Pública. O senhor se recorda de algum episódio interessante?

**AAA** – Antes disso, logo que me formei, em 1983, comecei o mestrado, em 1984. Então, em 1984 e 1985, fui aluno dele na pós-graduação. As aulas de Direito Administrativo aconteciam aos sábados pela manhã. Naquela época, ainda havia a feira de alimentos na Praça da Liberdade. Terminávamos a aula, por volta das onze horas ou onze e meia e íamos para a feira com ele. Ele sempre foi muito glutão, sofria de gota. No entanto, gostava de comer pastel e pé de moleque. Éramos uma turma pequena, de seis ou sete alunos, e ficávamos ali com ele, acompanhando-o, conversando, contando casos, discutindo. Ao mesmo tempo, aquilo era algo extremamente prazeroso sob o ponto de vista do lazer, mas também sempre aprofundava o nosso conhecimento. Fui beneficiado por esta oportunidade ao longo dos anos por ter sido uma espécie de assistente informal do Professor Paulo Neves em várias ocasiões nesta questão sobre os municípios. Quantas vezes eu o acompanhei nos municípios. Ele não dirigia. Ainda havia este fator. Então todos nós disputávamos o privilégio de dar carona ao Professor Paulo Neves. Eu era, àquela época, um motorista muito exímio e ele confiava muito em mim, pois era sempre pontual e responsável. Íamos muito a Lagoa Santa, Vespasiano, Pedro Leopoldo... Conheci todos estes municípios e seus Prefeitos com o Professor. Lembro-me bem que uma vez, em Vespasiano, já à noite, ele terminou uma reunião com o Prefeito e, retornando a Belo Horizonte, o Prefeito quis mostrar a ele umas instalações do Corpo de Bombeiros. Chegamos lá à noite. Os bombeiros estavam dormindo e visitamos aquilo tudo. E eu disse a ele: “Professor, mas a esta hora da noite?”. E ele: “não tem problema, é bom ver”. Ele tinha ânimo, era uma pessoa animada. Depois, durante o processo constituinte mineiro, entre 1988 e 1989, enquanto eu, Menelick e Maria Coeli – a Maria Coeli era mais enérgica – já estávamos exaustos, Paulo Neves virava a noite trabalhando. Era uma energia rara para um homem de setenta anos de idade. Aquilo era extraordinário. Então, de fato, ele possuía uma capacidade de trabalho invejável. Além disso, tive a oportunidade de vê-lo redigindo. Ele redigia em casa. Seu escritório ficava em casa, no Prado. A imagem exata era como se fosse o Chico Xavier, porque ele encostava a cabeça em uma das mãos, abaixava, fechava os olhos e escrevia. Era como se estivesse psicografando. Ele escrevia e escrevia. Era uma coisa impressionante porque aquilo saía com um fluxo natural. Era como se alguém estivesse ditando aquilo para ele. Depois ele entregava aquilo tudo para a Lourdinha datilografar. Esse é um processo que já não existe mais, não é? Mas era um

fenômeno, uma coisa diferente de tudo o que me acostumei a ver. Até hoje, tantos anos após a sua morte, nunca vi nada igual na minha vida. Retomando a sua pergunta, o Professor Paulo Neves levava os alunos aos municípios para mostrá-los o lado prático do Direito Administrativo. Ele queria demonstrar como a teoria se aplicava no dia a dia. Ele dava um exemplo, que alguém já deve ter lhe dito. Ele comparava o Direito Constitucional com o Direito Administrativo. O Direito Constitucional era o Professor Raul Machado Horta, todo elegante, de terno e gravata e o Direito Administrativo era ele, Professor Paulo Neves, todo desgrenhado, suado, com a gravata torta, cheio de papel, com migalhas de comida pela roupa, com o cabelo totalmente atrapalhado. Então, segundo ele, esse era o estilo do Direito Administrativo. Ele sempre dizia que o Direito Administrativo é o cidadão batendo na porta do Prefeito à noite porque há um buraco na porta da sua casa. É uma demanda imediata e urgente. Então ele queria nos mostrar isso. Na minha defesa de dissertação de mestrado – que ele presidiu e acabou fazendo dela quase um “happening”, ele convidou uma dezena de Prefeitos porque o tema estava em voga na ocasião. Na verdade, aquela foi uma defesa em que eu falei muito menos do que ele. Ele deu uma verdadeira aula. A Professora Luciana assistiu, não é? Ele falou por horas sobre o tema, citava os Prefeitos, etc. Foi uma coisa até festiva. Pena que não foi gravada<sup>1</sup>. Aquilo foi algo até fora do parâmetro para uma defesa de dissertação. Ele gostava de compartilhar com os alunos e Prefeitos o conhecimento e a experiência que tinha. Ele tinha uma dedicação total aos municípios. Era um municipalista convicto. Ele tinha certeza – e com razão – de que a realidade se resolve melhor localmente.

**ECP** – Professor Anastasia, comente as contribuições do Professor Paulo Neves para a formação moral dos seus alunos.

**AAA** – Isso é o fundamental porque além do conhecimento extraordinário, da capacidade de trabalho, do exemplo como professor... Convivi com o Professor Paulo Neves aproximadamente de 1983 até a morte dele, em 2004. Foram vinte anos de convívio muito próximo. Nunca vi o Professor Paulo Neves fazer um comentário negativo a respeito de uma pessoa. Nunca mais encontrei alguém que seja assim. Ele era incapaz de fazer uma crítica, um comentário negativo ou uma observação jocosa a respeito de qualquer pessoa, ainda que o desagradassem. Eu tinha com ele uma relação de confiança – não de intimidade – e percebia que ele sempre se colocava na posição do outro. Esse era um comportamento moral extraordinário. Era uma pessoa extremamente proba e muito correta, inclusive se prejudicando muito sob o ponto de vista financeiro porque as pessoas, muitas vezes, como se diz na linguagem popular, o enrolavam. Não pagavam os seus honorários. Ele não cobrava e aquilo ficava por isso mesmo. Lembrome de uma vez em que ele foi contratado por uma grande construtora que havia realizado uma obra grande em Belo Horizonte. Houve um problema com a licitação. Ele me convidou para ajuda-lo. Ele fez o grosso do trabalho e eu fiz a pesquisa. Era um trabalho imenso! Não recebemos um centavo por aquilo e ele nem cobrou. Ele dizia: “se

---

<sup>1</sup> A gravação de áudio da defesa da dissertação de mestrado do Prof. Antônio Anastasia foi recuperada pelo Núcleo de Referência da Memória do Professor Paulo Neves de Carvalho e integra o seu acervo documental.

não querem pagar não paguem”. Então ele tinha esse comportamento altruístico, um pouco altivo, um comportamento moral sem jaça. Era uma pessoa completamente fora do parâmetro normal, uma pessoa extraordinária sob o ponto de vista da sua capacidade mental e da sua formação moral. Ele me contava muitos casos sobre os seus pais. Era um homem de origem humilde que lutou demais. Começou a trabalhar muito cedo. Contava que dava aulas aos dezoito anos no Colégio Anchieta, além de tantas outras histórias. Ele relatava todo aquele sacrifício. Então aquilo tudo se juntou e contribuiu para a composição de uma pessoa que era extraordinária no comportamento. O que aconteceu de fato é que ele acabou sacrificando um pouco a família – ele próprio tinha essa dor – porque não dava tempo. Eram tantas demandas de alunos, de Prefeitos, de clientes e tudo mais. Mas Paulo Neves era uma pessoa muito singular. Já devem ter lhe relatado o caso em que ele, quando Secretário de Administração, se escondeu. Esse é um caso típico para demonstrar o que é uma dedicação integral ao trabalho. Imagine isso: uma pessoa que desaparece do próprio Governador para ficar trancado redigindo as leis. A Polícia teve que ser chamada para descobrir onde estava porque ele se trancou e ninguém sabia onde ele estava, nem a família. Foram três dias sumido. Então, de fato, algo único.

**ECP** – Em 1987 foi fundado o Instituto Mineiro de Direito Administrativo. No seu entendimento, o que a fundação do IMDA representou para o Direito Administrativo mineiro?

**AAA** – O Professor Paulo Neves já tinha, desde há muitos anos, uma liderança mais do que natural no Direito Administrativo mineiro. Dando um passo atrás, ele resolveu realizar aqui em Belo Horizonte, em 1986, o V Congresso Brasileiro de Direito Administrativo. Aquele foi um momento de grande exposição do Direito Administrativo. Depois dos congressos anteriores, ele conseguiu que o congresso viesse aqui para Belo Horizonte e resolveu realizar um grande evento. Tive também a oportunidade de ser o seu assistente pessoal neste evento, juntamente com o José Nilo, com o Plínio Salgado e com o José Brígido, por meio de uma empresa chamada PROJATUR, cuja uma das sócias ainda está atuante, a minha amiga Monalisa. A empresa funcionava na rua Ceará. Dedicamo-nos por dois ou três meses exclusivamente para organizar o mais grandioso congresso que o Brasil já tinha visto. Aconteceram vários episódios interessantes – alguns hilários, sendo que um deles envolveu a Professora Maria Coeli. O Professor Paulo Neves se dedicou de corpo e alma a este evento que foi um sucesso estrondoso. O evento foi tão monumental, tão bem sucedido, o ambiente foi tão positivo e envolveu uma geração imensa de pessoas no Direito Administrativo, que ele resolveu criar o Instituto. Aliás, ele falava nisso há anos – muito antes de eu o conhecer, mas nunca levou a ideia adiante. Dentre as suas qualidades e características, o Professor Paulo Neves nunca foi organizado. Esse é um dado interessante. Embora fosse um homem da organização, ele próprio não era organizado. Ele nunca conseguiu parar para organizar o IMDA. Então resolvemos fazê-lo para aproveitar aquele movimento. Criamos o Instituto e ele foi o primeiro Presidente. O IMDA teve uma função primordial, sobretudo em seu início – com a organização de

eventos e seminários, para permitir que se consolidasse o seu maior legado, que é a geração de administrativistas mineiros que beberam das suas águas. O IMDA foi o principal estuário disso, especialmente entre os anos de 1990 e 2010.

**ECP** – Ao mesmo tempo em que o IMDA era fundado, ou seja, por volta de 1986 e 1987, foi criado o Curso Superior de Administração Pública – CSAP – na Fundação João Pinheiro. Um dado interessante é o de que o Professor Paulo Neves de Carvalho, a convite do Professor Vicente de Paula Mendes, à época Diretor do CDA, foi o primeiro Coordenador do curso. A propósito, o senhor também lecionou para a primeira turma. Eu gostaria que o senhor tecesse comentários a respeito desta participação do Professor Paulo Neves na estruturação do CSAP.

**AAA** – O Professor Paulo Neves sempre teve a ideia – corretíssima e vigente até hoje – de que a qualificação e a formação dos quadros de carreira são fundamentais para termos uma Administração Pública empreendedora e eficiente. Ele transmitiu isso para o Professor Vicente, que passou a ter essa ideia força como uma obsessão. O Professor Vicente – que me levou para trabalhar com ele, era Diretor do CDA, que, àquele tempo, já tinha cursos de pós-graduação, um deles chamado PEAP. Esse era um grande curso, inclusive. Foi onde tive a minha primeira oportunidade de dar aulas. O PEAP já era um embrião, mas o Professor Vicente resolveu ousar. Ele conseguiu uma lei. Houve o apoio da Fundação João Pinheiro à época. O Presidente Hindenburgo apoiou muito. Foi uma luta imensa. O Conselho Federal de Educação aprovou o curso, que era totalmente singular e inédito naquele momento. E aí o Professor Vicente pensou que a única pessoa que poderia dirigir o curso era o Professor Paulo Neves, o grande inspirador dessa ideia. Então ele convidou o Professor Paulo Neves para se juntar ao curso e para organizarmos o primeiro vestibular. Um fato pitoresco: organizei o primeiro vestibular e me lembro de ter levado, no meu carro, as provas para o Professor Paulo Neves. Deixei-as na casa dele, que disse: “Irene, se esta casa pegar fogo você tem que salvar estas provas!”. Lembro-me disso como se fosse hoje. Aquele vestibular havia sido muito disputado, com cerca de noventa candidatos por vaga. Houve uma grande comoção na realização daquele primeiro vestibular. Ele próprio corrigiu as provas. Ele tinha um apego muito grande àquilo. Lamentavelmente, logo no seu início o curso sofreu uma grande descontinuidade. Mas Paulo Neves foi responsável, junto com o Professor Vicente, por toda a parte de concepção do currículo e da grade escolar. Foi um trabalho magnífico. Ele me designou como uma espécie de coordenador executivo – para receber os alunos e para aquele primeiro esforço. O vestibular foi um sucesso, felizmente. Fomos às escolas privadas para divulgarmos o curso. Aquele foi um belo episódio. O Professor Paulo Neves estava muito entusiasmado porque estava vendo ali a concretização de um dos seus grandes sonhos, que era uma Escola de Governo.

**ECP** – Pretendo abordar agora, Professor, o processo constituinte mineiro de 1988-1989. Em um momento anterior, isto é, a partir de 1986, foram realizados alguns eventos preliminares dos quais o Professor Paulo Neves participou como expositor. Comente estes eventos.

**AAA** – No momento da Constituinte nacional viajávamos o Estado todo realizando dezenas de simpósios, seminários cursos e conferências. Eu acompanhava muito o Professor, volto a dizer, levando-o de carro e participando também. Aquele era um momento muito efervescente do mundo jurídico. E logo veio a Constituinte Mineira, não é? A Secretária-Geral da Mesa da Assembleia Legislativa era a Professora Maria Coeli. Paulo Neves foi o grande motor das boas ideias – até pela sua capacidade de trabalho. Então, de fato, a sua importância para o processo constituinte mineiro foi muito grande.

**ECP** – Entrevistei recentemente o Deputado Bonifácio Mourão, que foi o Relator da Constituição mineira, e ele contou que foi ao encontro de Paulo Neves para convidá-lo pessoalmente para ser seu assessor. O senhor também integrou esta assessoria externa. De quem partiu o convite?

**AAA** – Na realidade, eu era, já àquele tempo, sócio de uma sobrinha do Deputado Mourão, Dra. Célia Pimenta, que me apresentou a ele que, posteriormente, me convidou. Mas a minha situação era diferente daquela do Professor Paulo Neves. Eu era um funcionário do Estado à disposição da Assembleia para ser assessor pessoal do relator. E o Professor Paulo Neves era o consultor da comissão constitucional, era o grande nome para dar uma orientação aos Deputados, com respeito, evidentemente, ao poder de decisão dos parlamentares. Por coincidência ele era meu professor. A Maria Coeli, Secretária-Geral da Mesa e responsável pela constituinte, era minha colega de mestrado e também aluna dele. Então criou-se ali um ambiente muito favorável, de uma boa convivência. Se fossem pessoas desconhecidas umas das outras, certamente não haveria aquele entrosamento que aconteceu. Nós nos mudamos para a Assembleia e ficamos morando lá por quase um ano. A Maria Coeli também não dirigia e morava perto do Paulo Neves. Então ainda tinha isso. Eu deixava a Maria Coeli e o Paulo Neves em casa – isso por volta de meia noite ou uma hora da manhã, todos os dias.

**ECP** – Esclareça, Professor Anastasia, o papel desempenhado por Paulo Neves como consultor técnico da constituinte mineira.

**AAA** – Da mesma forma que havia criado a Escola de Governo, o Professor Paulo Neves era uma usina de ideias. Então ele conseguiu contaminar positivamente os Deputados com ideias muito avançadas: a ideia de um governo honesto, de moralidade, de probidade, de eficiência, de razoabilidade. Vários conceitos avançados que foram esculpidos na nossa Constituição estadual de 1989 são ideias que Paulo Neves já defendia.

**ECP** – O senhor poderia sublinhar as principais contribuições do Professor Paulo Neves de Carvalho para o texto constitucional mineiro?

**AAA** – Citarei o Princípio da Razoabilidade – que ele defendia tanto – como grande corolário. Esse é um exemplo típico. A figura da função pública que ele defendia bastante também está lá... O direito a um governo honesto... Então são princípios e comandos muito claros. Houve também a resistência à figura da medida provisória, que

hoje até o Supremo Tribunal Federal entende que é possível. O Professor Raul Machado Horta também entendia que era possível – corretamente, mas Paulo Neves era contrário e acabou prevalecendo a posição de não se colocar a medida provisória no texto constitucional mineiro.

**ECP** – Eu trouxe algumas afirmações do Professor Paulo Neves encontradas em gravações que integram o acervo do Núcleo de Referência. Abordarei pelo menos uma, que entendo ser talvez a mais significativa da pregação do Professor. Ele nos dizia que “os problemas da Administração Pública brasileira não são legais. Eles são de ordem cultural”. O senhor poderia desenvolver esta afirmação?

**AAA** – Este é um tópico atualíssimo. É a realidade na sua quintessência. O que acontece é que as pessoas acham que mudando as normas, conseguimos alterar os comportamentos. E o Professor Paulo Neves sempre defendeu que o melhor caminho era a educação. Por isso a Escola de Governo, isto é, a qualificação, o treinamento, o preparo das pessoas para que seja possível realizar uma verdadeira reforma. Lembro-me perfeitamente de ouvi-lo falando na Faculdade de Direito: “chegaram as cortinas. É a reforma administrativa!”. [Risos] Ele queria dizer que não era aquilo, que reforma administrativa não dizia respeito às caixinhas, aos organogramas, à questão das competências, mas, fundamentalmente, a mudança no ser humano, a qualificação e o preparo. Por isso que é uma questão cultural, não só do servidor, mas uma evolução para um estágio de civilização mais adiantado em que a própria sociedade repudiasse figuras como o patrimonialismo, o nepotismo, os desvios, etc, que, lamentavelmente, ainda estão muito disseminadas entre nós. Ele sempre teve essa posição muito firme, talvez fruto dos seus estudos nos Estados Unidos, pois, quando lá estive, acompanhou um país em um estágio de desenvolvimento maior do que o do Brasil. Então este sentimento dele a respeito da questão cultural sempre foi muito nítido e é procedente.

**ECP** – Uma última indagação, Professor Anastasia. Em que medida as lições do Professor Paulo Neves de Carvalho inspiraram a sua atuação na Administração Pública mineira, seja como Secretário de Estado, seja como Governador?

**AAA** – Em cem por cento. Posso dizer que isso não se restringe a mim, pois somos centenas de frutos do Professor Paulo Neves. As ideias nucleares do Choque de Gestão – conversei muito sobre isso com ele em 2003 – são todas ideias que ele defendia: a questão da eficiência, dos resultados, uma luta contra a burocracia para evitar a procedimentação, a questão ritualística e prestigiar a parte finalística, ou seja, o atendimento ao cidadão, à pessoa. Essas são ideias nucleares do Professor. Toda a concepção formal e mesmo material que eu e uma centena de profissionais do Direito Administrativo em Minas Gerais temos, decorre dos ensinamentos de Paulo Neves de Carvalho. Portanto, devo muito essas ideias ao Professor Paulo Neves e também ao Professor Vicente de Paula Mendes – que é uma continuação do Professor Paulo Neves. Aliás, sempre que agradeço ao Professor Paulo Neves estou dizendo o mesmo ao Professor Vicente, que também foi meu professor e meu orientador. É claro que essas ideias foram se aperfeiçoando, no que fez o Professor Vicente e no que pude fazer

também, assim como tantos outros professores e gestores. Tive a felicidade de conciliar o exercício acadêmico com o exercício dos cargos no Poder Executivo. Quando fui Secretário da Administração e do Planejamento, ainda no início dos anos 1990, no governo Hélio Garcia, o Professor ainda estava em plena atividade. Discutíamos muitos assuntos e temas importantes. Então sempre tive nele não só um grande conselheiro, mas o inspirador número um dessas ideias que estamos aí sempre defendendo. Essas são ideias que ao tempo de Paulo Neves eram muito avançadas e até hoje são consideradas modernas. São ideias que Paulo Neves defendia há trinta anos. Acresço, ainda, que ele era um exemplo muito firme sobre o que é governar, sobre o que é interesse público. Um amigo meu, que também foi aluno de Paulo Neves, sempre reproduz uma frase que ele gostava muito de dizer em sala de aula – isso na década de 1980: “enquanto estamos aqui o Governador está no Palácio das Mangabeiras respirando o interesse público”. Ele dizia muito isso. Depois, por um acaso do destino, lá estou eu, morando no Mangabeiras, como Governador, para buscar o interesse público, como ele defendia, o que aumentou muito a minha responsabilidade, obviamente, não é? Não só pela formação moral, como pela formação técnica que ele me legou. Ele foi um exemplo único. Acho que tive na vida uma sorte extraordinária, não só de conviver muito com ele – com muita proximidade – em dezenas de episódios, viajando e discutindo às vezes a intimidade da própria família, como de ter tido a oportunidade de aprender demais com ele.

[FINAL DO DEPOIMENTO]